

Comunicação ao Encontro de Professores “*Ensinar é Investigar. Investigação e Formação de Professores*”, promovido pela Associação de Professores Ensinar é Investigar. 08 de Fevereiro de 1996. Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação de Lisboa.

Joaquim Azevedo

ENSINAR É INVESTIGAR, ENSINAR É ESCUTAR

Estou muito grato à *Associação de Professores Ensinar é Investigar* pelo amável convite que me dirigiu para integrar esta mesa. A minha relação com o projecto “*Ensinar é Investigar*” tem sido sempre uma relação que me tem sido favorável, em que tenho tido ocasiões únicas de aprendizagem acerca do que é educar e ensinar, particularmente na educação da infância. É tempo de eu intentar retribuir tantas dávidas, transmitindo uma pequena reflexão.

Estas cerimónias não são propícias a acolher longos discursos e reflexões sobre problemáticas muito especializadas. São, quando muito, e se para tal tivermos engenho e arte, momentos privilegiados para comunicação de uma mensagem.

Perante este projecto pedagógico, ímpar no roteiro pedagógico português, mobilizador de muitas centenas de professores em ordem a práticas educativas efectivamente capazes de fazer desabrochar as crianças e de fazer os alunos aprender, e que muito deve à tenacidade, inspiração e paixão de alguns professores entre os quais destaco a Senhora Dr^a Maria da Luz Leitão, perante este projecto pedagógico e a sua enorme capacidade de formar professores, eu tenho poucos contributos novos e específicos a dar.

A minha mensagem é esta e começa assim: ontem, estive, em Santo Tirso, com uma centena de professores, que me pediram para com eles pensar o contexto em que trabalham, para olhar mais profundamente o meio que os rodeia, um ambiente que se integra numa subregião em que, como se sabe, existem os mais fracos indicadores escolares do país.

Expus a minha reflexão sobre o contexto social e a relação entre esse contexto e a escola. Seguiu-se um debate, não muito vivo e, finalmente, cada

um partiu para seu lado. Uns minutos depois, enquanto visitava uma parte das novas instalações da escola, uma professora, já sem o envolvimento dos demais, segredava-me: *“Sabe, nós andamos para aqui a falar em mudar a escola, em transformar a realidade envolvente, em mudar a educação e, entretanto, temo-nos esquecido da mudança das nossas próprias atitudes, dos nossos próprios gestos, no quotidiano escolar”*.

Creio que é sobretudo por aqui que passa a formação contínua de professores, profissionais que, nas suas organizações e fruto do seu esforço concreto e do seu brio profissional, investem na melhoria das suas práticas educativas, reflectindo, agindo, reflectindo sobre a acção, investigando, ensaiando pequenos passos, avaliando-os.

Em educação escolar, além de termos um enorme rol de problemas, padecemos do mal de termos demasiadas soluções pré-fabricadas, respostas prontas para tudo, prateleiras de remédios para todo e qualquer mal dos insucessos escolares. E são tantas e tão bem construídas as soluções que pouca motivação nos resta para aprender algo mais, algo diferente. E, o que é mais grave ainda, é que tantas vezes também nos falta tempo e disposição para olhar as pessoas dos alunos que temos pela nossa frente e a sua realidade concreta e envolvente. Quanto mais soluções temos, quanto mais tecnicidade decoramos e mais discurso construímos, mais autistas vamos ficando e menos vemos e ouvimos.

E, todavia, como é essencial, em cada momento, respeitar a realidade, respeitar, ver, ouvir cada contexto, como estão a fazer os professores de Santo Tirso e felizmente fazem tantos outros. Como é importante conhecer os alunos nas suas circunstâncias e estar disponível para os apreender aí mesmo e assim mesmo. Porque uma criança escolar é um ser multidimensional que não pode ser reduzido a uma placa achatada de aglomerado, sem profundidade, sem

cores, sem gestos, sem passado, sem crenças e sem sonhos. Porque aí começa a perder-se o essencial: a liberdade do ser humano.

A pessoa de cada aluno não é só o aluno que nós vemos, que está sentado na sala de aula. É muito mais, em altura, largura e profundidade. Cada aluno é as paisagens que o rodeiam, as suas tonalidades, os seus ruídos e silêncios, é os limites dos montes ou do mar que o cercam, é os olhares que vê trocarem-se, ora serenos ora altivos, ora vivos ora melancólicos, nas ruas, nas fábricas, nos lares, nas festas ou nos funerais, é as histórias que se contam, as crenças e os mitos que elas secretamente encerram, é os silêncios, as falas e os seus tons, é as igrejas que se levantam por entre as casas e é as relações de trabalho em que pais, irmãos e vizinhos estão mergulhados, é os projectos que a família tem para a sua vida que até podem nem passar pela escola, é a teia de relações com os pais, com irmãos, com colegas e consigo próprios, é os mistérios que povoam o dia-a-dia das nossas cidades e aldeias e das nossas vidas, é a imensidão de informação e imagens que povoam e curto-circuitam o seu universo imaginário, cada aluno é isto e é muito mais.

Educá-lo é, antes de mais, escutá-lo. A educação escolar, a escola, nesta linha de pensamento, tem de ser, antes de mais, a escola da escuta, para poder vir a ser uma escola com diversidade, com a riqueza que deflui da liberdade e para a liberdade.

E como diz Michel Crozier *“só aquele que sabe escutar poderá fazer da sua palavra um acto de comunicação”*. As professoras e os professores do “Ensinar é Investigar” sabem-no bem, sabem que a escuta é um procedimento interactivo elementar quando nos dão, por exemplo, testemunhos como estes:

“ a presunção de ser só eu a saber foi-me retirada subtilmente pelo meu grupo de crianças. ”

ou “*passsei a falar menos e a envolver-me nas discussões dos alunos como moderadora, procurei libertar o seu pensamento que até então mantinha acorrentado ao meu ...*”

ou ainda, “*Se foi difícil! Mas foi aliciante descer da cátedra, ser um no grupo, que avançava, planeava, descobria, avaliava ...*”

As professoras e os professores do “Ensinar é Investigar” cultivam, certamente, com esforço e brio profissional, uma das sábias atitudes matriciais da educação: a escuta. Ela cria as condições ambientais imprescindíveis ao “choque com a realidade” e este, por sua vez, é a base decisiva para a mudança, lenta e séria, de percepções, lógicas de actuação, procedimentos técnicos dos professores.

A escola da escuta, da participação e da actividade permanente dos alunos, é uma organização social que tem de lidar com o tempo e com as pessoas de modo profundamente desigual do modo como o fazem por ex. os media ou a economia. Além do tempo da informação tem de haver tempo de debate, de ouvir os outros, o tempo da expressão pessoal. Além do tempo do consumo, há o tempo da contemplação e o tempo da cultura. A escola que cultiva a escuta como um tempo educativo essencial é uma escola mais humilde, menos arrogante e omnipresente, menos utilitarista e menos compulsiva, ainda que o tenha que fazer contra o vento e a maré. Em meu entender, se há hoje algum fascínio novo na educação escolar ele está aqui, nesta diferença de postura social da escola de afirmação da sua radical humanidade e de respeito e incentivo da autenticidade de cada um e da sua liberdade.

Como habitualmente, haverá já quem diga: isso está tudo muito bem, mas o sistema não permite fazer isso. Mas, como as Senhoras Professoras e os Senhores Professores sabem melhor do que eu, o que está mal é o sistema. Por

isso, que não nos falte a coragem e a persistência para continuar a mudá-lo, porque quanto mais o sistema escolar se mecanizar, uniformizar e entrar, sem mais, na voragem dos dias em que vivemos e nos ditâmes da economia a que nos submetemos, menos o sistema escolar sobrar com préstimo para educar. Com o “Ensinar é Investigar” e a insatisfação e a ousadia que lhe subjazem, estou confiante que essa mudança está a ocorrer, embora porventura nem do modo nem ao ritmo que todos nós desejávamos.

Finalmente, sempre vi no projecto “Ensinar é Investigar”, sobretudo na sua formação de professores um modo concreto de prosseguir este caminho. Uma formação centrada na organização escolar e no grupo que aí trabalha, o mais possível não escolarizada, assente numa dinâmica aberta de revisão crítica das práticas educativas, de aprofundamento teórico e científico dos problemas concretos e capaz de pesquisar processos novos para a sua resolução.

A formação de professores do projecto “Ensinar é Investigar” devidamente avaliada, constitui hoje, talvez, o maior capital de esperança que este projecto pedagógico pioneiro encerra. Por isso ele me merece pessoalmente o maior apoio. A renovação das práticas profissionais dos professores tem aqui um exemplo a seguir, não a copiar, mas a estudar e a aplicar em outros contextos e ciclos de ensino, esperamos que com a mesma dedicação e profissionalismo com que os professores do “Ensinar é Investigar” o fazem. Os professores do 1º ciclo estão assim na 1ª linha de renovação, pedagógica da educação em Portugal.

Afinal, “ensinar é investigar” talvez se possa dizer também “ensinar é escutar”.

Desejo à vossa Associação os maiores sucessos. Muita coragem.